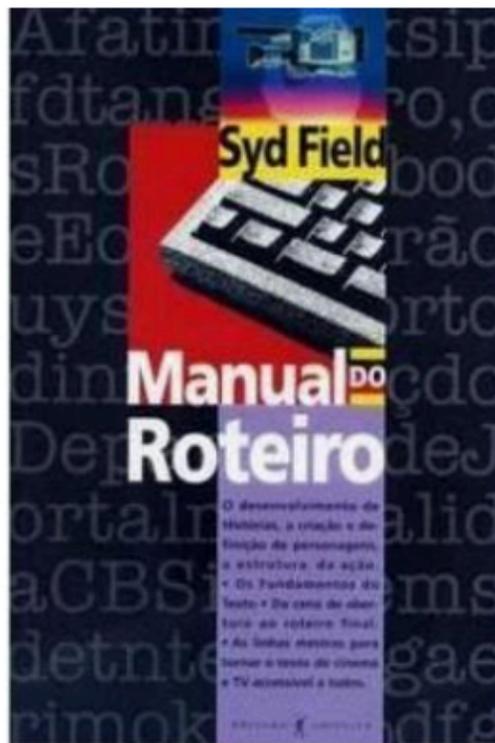


Escrevendo um roteiro

Eduardo Santos

Thiago Moreira Rosa

3º Rádio/TV e Internet



FIELD, Syd. Manual do Roteiro: os fundamentos de texto cinematográfico.- Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

O livro Manual do Roteiro escrito por Syd Field contém 18 capítulos e é um livro muito importante pra quem tem interesse em escrever roteiros. Syd Filed trabalhou por muito tempo como produtor e escritor em uma produtora, dedicando seu tempo à leitura de milhares de roteiros. Seu trabalho era aprovar ou não um roteiro para ser produzido. Em pouco mais de dois anos ele leu em torno de 2 mil roteiros, destes, aprovou apenas 40 para possivelmente serem filmados. Todo este tempo lendo roteiros, fizeram com que Field

Escrevendo um roteiro

Eduardo Santos

Thiago Moreira Rosa

3o Rádio/TV e Internet

FIELD, Syd. Manual do Roteiro: os fundamentos de texto cinematográfico.- Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

O livro Manual do Roteiro escrito por Syd Field contém 18 capítulos e é um livro muito importante pra quem tem interesse em escrever roteiros. Syd Field trabalhou por muito tempo como produtor e escritor em uma produtora, dedicando seu tempo à leitura de milhares de roteiros. Seu trabalho era aprovar ou não um roteiro para ser produzido. Em pouco mais de dois anos ele leu em torno de 2 mil roteiros, destes, aprovou apenas 40 para possivelmente serem filmados. Todo este tempo lendo roteiros, fizeram com que Field

adquirisse a capacidade de avaliar e julgar os materiais como bons roteiros ou não.

Syd também ministrou um curso de roteiro em Hollywood, onde pode utilizar de toda sua experiência para ensinar. Foi nesta época em que ele resolveu escrever "O Manual do Roteiro".

O livro começa com uma introdução onde o autor conta um pouco sua história e também de como surgiu a ideia de escrever este livro. Ele diz que o objetivo do livro é que as pessoas possam escrever um roteiro de maneira correta, com confiança e segurança. Syd diz que o mais difícil que escrever, é o que escrever e também como começar a escrever, como colocar a ideia no papel.

Após a introdução o autor vem com a seguinte pergunta: "O que é um roteiro?". Segundo o autor, um roteiro não é um romance e nem uma peça de teatro, pois um romance se trata de uma ação dramática e tem um enredo que se passa dentro da cabeça do personagem. No romance, a ação acontece dentro da mente da personagem principal. A peça teatral acontece no palco e a plateia se torna uma parede na cena. Os personagens falam sobre seus sonhos e esperanças, discutem sobre suas necessidades, medos e conflitos.

O filme é diferente. É um meio visual de dramatizar um enredo, pois lida com fotografia, imagens e fragmentos. O roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições. O autor diz que o roteiro é como um substantivo - sobre uma pessoa (ou pessoas) em um lugar (ou lugares) fazendo uma coisa. Todo roteiro tem algo em comum, que são: início, meio e fim, mesmo que nem sempre nesta ordem.

Todo roteiro é dividido em três partes, que constituem um paradigma. O paradigma é um modelo ou um exemplo. Este paradigma é composto por três atos, que são: Ato 1, Ato 2 e Ato 3.

Ato 1: É o início, a apresentação do seu roteiro. Ele vai da primeira página até a página 30 (aproximadamente até os trinta primeiros minutos). O roteirista tem aproximadamente trinta páginas para apresentar sua história, os personagens, a situação e para estabelecer o relacionamento do personagem principal com

adquirisse a capacidade de avaliar e julgar os materiais como bons roteiros ou não.

Syd também ministrou um curso de roteiro em Hollywood, onde pode utilizar de toda sua experiência para ensinar. Foi nesta época em que ele resolveu escrever "O Manual do Roteiro".

O livro começa com uma introdução onde o autor conta um pouco sua história e também de como surgiu a ideia de escrever este livro. Ele diz que o objetivo do livro é que as pessoas possam escrever um roteiro de maneira correta, com confiança e segurança. Syd diz que o mais difícil que escrever, é o que escrever e também como começar a escrever, como colocar a ideia no papel.

Após a introdução o autor vem com a seguinte pergunta: "O que é um roteiro?". Segundo o autor, um roteiro não é um romance e nem uma peça de teatro, pois um romance se trata de uma ação dramática e tem um enredo que se passa dentro da cabeça do personagem. No romance, a ação acontece dentro da mente da personagem principal. A peça teatral acontece no palco e a plateia se torna uma parede na cena. Os personagens falam sobre seus sonhos e esperanças, discutem sobre suas necessidades, medos e conflitos.

O filme é diferente. É um meio visual de dramatizar um enredo, pois lida com fotografia, imagens e fragmentos. O roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições. O autor diz que o roteiro é como um substantivo - sobre uma pessoa (ou pessoas) em um lugar (ou lugares) fazendo uma coisa. Todo roteiro tem algo em comum, que são: início, meio e fim, mesmo que nem sempre nesta ordem.

Todo roteiro é dividido em três partes, que constituem um paradigma. O paradigma é um modelo ou um exemplo. Este paradigma é composto por três atos, que são: Ato 1, Ato 2 e Ato 3.

Ato 1: É o início, a apresentação do seu roteiro. Ele vai da primeira página até a página 30 (aproximadamente até os trinta primeiros minutos). O roteirista tem aproximadamente trinta páginas para apresentar sua história, os personagens,

a situação e para estabelecer o relacionamento do personagem principal com

as outras pessoas e com o mundo a sua volta. Os dez primeiros minutos são os mais importantes do roteiro, pois é neste tempo que o roteirista vai mostrar pro seu público quem é o seu personagem principal, a premissa da história (sobre o que ela se trata) e também qual a situação dramática.

Ato 2: É o meio, a confrontação. Dura aproximadamente 60 páginas, e vai da página trinta até a página noventa. Durante este período o personagem enfrenta os obstáculos que o impede de alcançar a sua necessidade dramática.

Necessidade dramática é o que seu personagem vai alcançar durante o roteiro. O que o move através da ação? O que deseja seu personagem principal? Syd diz que se você conhece seu personagem, você é capaz de criar obstáculos a esta necessidade. O Ato 2 constitui esta série de obstáculos que seu personagem deve ultrapassar para alcançar (ou não) sua necessidade dramática. Todo drama tem um conflito, pois sem conflito, não há personagem, sem personagem, não há ação, sem ação, não há história e sem história, não há roteiro.

Ato 3: É o final, a resolução. São as 30 últimas páginas do roteiro. Tem que se manter coeso com o contexto dramático. Resolução não significa fim, significa solução. O seu personagem obteve sucesso ou não? Sobreviveu ou morreu? O Ato 3 não é o fim da história, e sim a solução da história.

Os Atos 1, 2 e 3 são as partes que compõem o todo. Para se passar de um Ato para outro é necessário que tenha um ponto de virada.

Ponto de virada é qualquer situação que reverta a situação em outra direção. No final do Ato 1, o ponto de virada é o que vai mover o personagem para o Ato 2. Este ponto ocorre entre as páginas 27 e 30 do roteiro. É a partir deste momento que o personagem começa a encontrar os obstáculos para alcançar sua necessidade dramática (resolução do Ponto de virada 1).

No final do Ato 2 também ocorre um Ponto de virada. Agora a história muda de direção, mas para a direção da resolução do primeiro Ponto. Ocorre geralmente entre as páginas 85 e 90 do roteiro, e ele leva o personagem em direção do Ato 3.

as outras pessoas e com o mundo a sua volta. Os dez primeiros minutos são os mais importantes do roteiro, pois é neste tempo que o roteirista vai mostrar pro seu público quem é o seu personagem principal, a premissa da história (sobre o que ela se trata) e também qual a situação dramática.

Ato 2: É o meio, a confrontação. Dura aproximadamente 60 páginas, e vai da página trinta até a página noventa. Durante este período o personagem enfrenta os obstáculos que o impede de alcançar a sua necessidade dramática. Necessidade dramática é o que seu personagem vai alcançar durante o roteiro. O que o move através da ação? O que deseja seu personagem principal? Syd diz que se você conhece seu personagem, você é capaz de criar obstáculos a esta necessidade. O Ato 2 constitui esta série de obstáculos que seu personagem deve ultrapassar para alcançar (ou não) sua necessidade dramática. Todo drama tem um conflito, pois sem conflito, não há personagem, sem personagem, não há ação, sem ação, não há história e sem história, não há roteiro.

Ato 3: É o final, a resolução. São as 30 últimas páginas do roteiro. Tem que se manter coeso com o contexto dramático. Resolução não significa fim, significa solução. O seu personagem obteve sucesso ou não? Sobreviveu ou morreu? O Ato 3 não é o fim da história, e sim a solução da história.

Os Atos 1, 2 e 3 são as partes que compõem o todo. Para se passar de um Ato para outro é necessário que tenha um ponto de virada.

Ponto de virada é qualquer situação que reverta a situação em outra direção.

No final do Ato 1, o ponto de virada é o que vai mover o personagem para o Ato 2. Este ponto ocorre entre as páginas 27 e 30 do roteiro. É a partir deste momento que o personagem começa a encontrar os obstáculos para alcançar sua necessidade dramática (resolução do Ponto de virada 1).

No final do Ato 2 também ocorre um Ponto de virada. Agora a história muda de direção, mas para a direção da resolução do primeiro Ponto. Ocorre geralmente entre as páginas 85 e 90 do roteiro, e ele leva o personagem em

direção do Ato 3.

Todo roteiro tem que corresponder a este paradigma. Mas de acordo com Syd, isto não os torna bons ou ruins. Este paradigma é apenas uma forma, uma configuração para se escrever um roteiro.

Durante todo o livro, Syd passa vários exercícios, em um deles, ele fala para que quando o leitor for ao cinema, cronometrar desde o momento em que o filme começa até a parte em que o leitor já tenha uma opinião sobre o filme, seja ela boa ou ruim, o que deve acontecer até no máximo no décimo minuto do filme. Segundo ele, este tempo já é mais do que suficiente quando um roteiro é bom.

O autor diz que o assunto do roteiro é ação e personagem: ação é o que acontece, e personagem é com quem acontece. Para surgir um assunto, primeiro você deve pensar em seu personagem e na ação que você deseja, pois só assim será possível que o assunto seja criado.

Para escrever algo, é necessária muita pesquisa, pois o roteirista deve saber ao máximo sobre o assunto que quer tratar em seu roteiro, e quanto mais você sabe, mais você pode melhorar seu trabalho.

Todo assunto é formado por personagem e ação. O personagem é dividido em duas partes:

Define a necessidade: o que impulsiona seu personagem para a resolução do problema? O que seu personagem quer?

Ação e Personagem: quais os obstáculos que ele terá que enfrentar para alcançar seu objetivo.

Ação também é dividida em duas partes:

Física: são as ações do personagem, o que ele precisa fazer para alcançar seus objetivos.

Emocional: é o que o personagem sente, o que se passe por dentro dele.

Para se compor um personagem, se faz necessário o autor conhecer bem o mesmo antes de colocar no papel. O personagem principal deve ser dividido em duas categorias: Interna e Externa.

Todo roteiro tem que corresponder a este paradigma. Mas de acordo com Syd, isto não os torna bons ou ruins. Este paradigma é apenas uma forma, uma configuração para se escrever um roteiro.

Durante todo o livro, Syd passa vários exercícios, em um deles, ele fala para que quando o leitor for ao cinema, cronometrar desde o momento em que o filme começa até a parte em que o leitor já tenha uma opinião sobre o filme, seja ela boa ou ruim, o que deve acontecer até no máximo no décimo minuto do filme. Segundo ele, este tempo já é mais do que suficiente quando um roteiro é bom.

O autor diz que o assunto do roteiro é ação e personagem: ação é o que acontece, e personagem é com quem acontece. Para surgir um assunto, primeiro você deve pensar em seu personagem e na ação que você deseja, pois só assim será possível que o assunto seja criado.

Para escrever algo, é necessária muita pesquisa, pois o roteirista deve saber ao máximo sobre o assunto que quer tratar em seu roteiro, e quanto mais você sabe, mais você pode melhorar seu trabalho.

Todo assunto é formado por personagem e ação. O personagem é dividido em duas partes:

Define a necessidade: o que impulsiona seu personagem para a resolução do problema? O que seu personagem quer?

Ação e Personagem: quais os obstáculos que ele terá que enfrentar para alcançar seu objetivo.

Ação também é dividida em duas partes:

Física: são as ações do personagem, o que ele precisa fazer para alcançar seus objetivos.

Emocional: é o que o personagem sente, o que se passe por dentro dele.

Para se compor um personagem, se faz necessário o autor conhecer bem o mesmo antes de colocar no papel. O personagem principal deve ser dividido em duas categorias: Interna e Externa.

Interna: constitui na vida do personagem, desde quando nasceu até o momento da história. É a sua biografia, como ele é, quantos anos, se tem filhos ou não.

Externa: é o que acontece desde o início do filme até o momento em que termina a história.

Segundo o autor, para se criar um personagem é necessário revelá-lo e torná-lo uma pessoa real, e não apenas fictícia.

Para revelar seu personagem, ele deve ter um relacionamento com outras coisas e pessoas. Todos os personagens dramáticos interagem de três formas:

1. Experimentam conflitos para alcançar sua necessidade dramática;
2. Interagem com outros personagens;
3. Interagem consigo mesmo.

Para fazer com que seu personagem seja real, primeiro classifique a vida de seu personagem sob três componentes básicos:

1. Profissional: Onde trabalha? Qual seu relacionamento com os colegas de trabalho?
2. Pessoal: Casado? Solteiro? Tem um bom convívio social? Tem filhos?
3. Privado: Qual seu hobby? O que gosta de fazer quando está sozinho?

O próximo passo para a construção do personagem é a criação de obstáculos. Obstáculos estes que podem ser profissionais, privados ou pessoais.

Field aconselha que durante o processo de criação da história, o autor sempre tenha em mãos pequenos cartões que serão usados para escrever sempre que alguma ideia de cena surgir em sua mente.

Para se escrever um roteiro, é necessário que o autor tenha tempo disponível para isto, pois pode levar muito tempo até que a sua ideia seja totalmente passada para o papel. Levará tempo também nas correções. Portanto sempre que a pessoa tiver em mente escrever um roteiro, dedique bastante tempo para isto.

Interna: constitui na vida do personagem, desde quando nasceu até o momento da história. É a sua biografia, como ele é, quantos anos, se tem filhos ou não.

Externa: é o que acontece desde o início do filme até o momento em que termina a história.

Segundo o autor, para se criar um personagem é necessário revelá-lo e torná-lo uma pessoa real, e não apenas fictícia.

Para revelar seu personagem, ele deve ter um relacionamento com outras coisas e pessoas. Todos os personagens dramáticos interagem de três formas:

1. Experimentam conflitos para alcançar sua necessidade dramática;
2. Interagem com outros personagens;
3. Interagem consigo mesmo.

Para fazer com que seu personagem seja real, primeiro classifique a vida de seu personagem sob três componentes básicos:

1. Profissional: Onde trabalha? Qual seu relacionamento com os colegas de trabalho?
2. Pessoal: Casado? Solteiro? Tem um bom convívio social? Tem filhos?
3. Privado: Qual seu hobby? O que gosta de fazer quando está sozinho?

O próximo passo para a construção do personagem é a criação de obstáculos. Obstáculos estes que podem ser profissionais, privados ou pessoais.

Field aconselha que durante o processo de criação da história, o autor sempre tenha em mãos pequenos cartões que serão usados para escrever sempre que alguma ideia de cena surgir em sua mente.

Para se escrever um roteiro, é necessário que o autor tenha tempo disponível para isto, pois pode levar muito tempo até que a sua ideia seja totalmente passada para o papel. Levará tempo também nas correções. Portanto sempre que a pessoa tiver em mente escrever um roteiro, dedique bastante tempo para isto.

O livro às vezes se torna um tanto repetitivo, principalmente no que se refere ao paradigma dos ter Atos, pois a todo o momento ele faz questão de falar sobre este assunto.

Imagina-se que o autor conseguiu alcançar seu objetivo quando se propôs a escrever este livro, pois da maneira como ele escreve, fica um tanto mais fácil para que qualquer um escreva um roteiro, pelo menos de acordo com os moldes por ele sugerido.

E além de descrever passo a passo de como escrever um roteiro, ele ainda conta como proceder após o término da escrita, para registrar tudo corretamente para evitar cópias.

É um ótimo livro que, com toda certeza deve ser lido por todos que pretendem seguir carreira nesta área.

O livro às vezes se torna um tanto repetitivo, principalmente no que se refere ao paradigma dos ter Atos, pois a todo o momento ele faz questão de falar sobre este assunto.

Imagina-se que o autor conseguiu alcançar seu objetivo quando se propôs a escrever este livro, pois da maneira como ele escreve, fica um tanto mais fácil para que qualquer um escreva um roteiro, pelo menos de acordo com os moldes por ele sugerido.

E além de descrever passo a passo de como escrever um roteiro, ele ainda conta como proceder após o término da escrita, para registrar tudo corretamente para evitar cópias.

É um ótimo livro que, com toda certeza deve ser lido por todos que pretendem seguir carreira nesta área.